

Oriente Médio: um verdadeiro imbróglio geopolítico*

*Manuel Cambeses Júnior***

Inegavelmente, o Oriente Médio constitui na atualidade a região mais instável e complicada do planeta. O longo e desgastante conflito entre Israel e Palestina e a intensificação do radicalismo do Hamas complicam sensivelmente o processo de negociações entre os dois Estados. O assassinato do ex-Primeiro-Ministro Hariri, no Líbano, e a possível conexão desse fato com a Síria, ademais da atitude beligerante do Hezbollah, são ingredientes apimentados nesse fervente caldeirão.

De maneira análoga, a expressiva atuação dos talibãs desestabiliza governos monárquicos, como Arábia Saudita e Marrocos, e, também, republicanos e laicos, como a Argélia, o Egito e Túnis. O mais grave, entretanto, é o processo de “vietnamização” da Guerra do Iraque e o atual labirinto nuclear em que adentrou o Irã, em seu persistente intento de obter armas atômicas.

Nas últimas três décadas, graves conflitos eclodiram no espaço geopolítico do Oriente Médio: a guerra entre o Irã e o Iraque (1980-88), a invasão do Kuwait pelo Iraque (1990-91) e a segunda guerra contra o Iraque, em abril de 2003, desencadeada por uma coalizão de países, capitaneados pelos Estados Unidos, ao arripio do Conselho de Segurança da ONU e da opinião pública mundial. Pode parecer, à primeira vista, ser mais grave a confrontação pela crise nu-

clear iraniana, o que implicaria todo o sistema mundial, envolvendo a Organização Internacional de Energia Atômica. O conflito Irã-Ocidente apresenta expressões do denominado “choque de civilizações”, porém com ingredientes altamente explosivos, como o petróleo e o domínio da energia nuclear para fins bélicos. Além disso, expressa as rivalidades hegemônicas nessa região, porque aí uma dupla fronteira atravessa o Golfo e a Mesopotâmia, fronteira política entre dois povos diferentes, o Irã indo-europeu e o mundo árabe semita, igualmente evidenciando expressiva divisão religiosa dos crentes do Corão entre sunitas e xiitas que, na realidade, só faz acirrar o antagonismo histórico entre árabes e persas.

Na antiga Pérsia, desde 1935 chamada de Irã, a dinastia dos Pahlevi estabeleceu-se depois da Primeira Guerra Mundial, em 1925, com um projeto de converter o Irã em uma grande potência regional, mas com vinculação ao Ocidente, no engendrado critério de transformá-lo no Japão do Oriente Médio. Com a revolução islâmica e a chegada ao poder do ayatolá Khomeiny, em 1978, o Irã manteve essa linha de poderio regional, enfrentando sistematicamente os Estados Unidos e a Europa.

Essa revolução islâmica, desde o princípio, manteve a oposição ideológica entre o Islamismo

* Colaboração do autor.

** O autor é Coronel-Aviador; conferencista especial da Escola Superior de Guerra, membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e vice-diretor do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica.

e o Arabismo. Entretanto, Saddam Hussein equivocou-se imaginando que o Irã, em virtude de sua revolução, havia se debilitado militarmente e invadiu esse país em 22 de setembro de 1980, com o apoio do Ocidente e da maior parte dos governos árabes. Nessa contenda, o Irã saiu fortalecido, chegando às portas de Bassora e controlando a circulação no Estreito de Ormuz.

Isso obrigou o Governo iraquiano a buscar novos recursos econômicos no pequeno Emirado do Kuwait, desbordando, como corolário, em guerra. O Kuwait representava 10% das reservas mundiais de petróleo, enquanto Bagdá detinha 20%, o que era inaceitável para a Europa e os Estados Unidos. Essa guerra teve justificativa econômica, porém contou com a aprovação das Nações Unidas, e as petromonarquias do Golfo ajudaram o Iraque diante do temor da ameaça

da propagação da revolução iraniana. Com o desaparecimento do governo de Saddam e o preocupante potencial iraniano, o instável equilíbrio geopolítico do Oriente Médio se rompeu. Consequentemente, abriu-se uma nova era, em que o Irã, não se submetendo aos cânones do Direito Internacional e à Organização Internacional de Energia Atômica, passa a constituir, na visão das grandes potências, uma ameaça global.

Por esse motivo, para o Oriente Médio dirige-se toda a atenção de Washington, contando com o decidido apoio do triângulo: Israel, Egito e Arábia Saudita. O regime de Teerã, agora com o líder ultraconservador Mahmoud Ahmadinejad e sua agressiva política externa, como na época do Xá Reza Pahlevi, continua com a ambição da Grande Pérsia e sonhando em poder manter uma atitude de Estado gendarme do Oriente Médio. ●



Editorial 2009

Coleção General Benício

A GUERRA DA COREIA

Stanley Sandler

Livro de História Militar que apresenta os antecedentes, as razões e os diferentes procedimentos das forças americanas e norte-coreanas em cada uma das fases da guerra. Discorre, ainda, sobre as consequências daquele conflito para a doutrina militar dos EUA e para a história, após a segunda metade do século XX, com destaque para a condução das operações militares.